

PERCEPÇÕES E DESAFIOS NA MIGRAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS DO SUL DE MINAS GERAIS PARA A FLÓRIDA

PERCEPTIONS AND CHALLENGES IN THE MIGRATION OF BRAZILIAN WOMEN FROM THE SOUTH OF MINAS GERAIS TO FLORIDA

Nara Fernanda Goncalves^{1*} , Suzana Lopes Salgado Ribeiro² , Elisa Maria Andrade Brisola³ 

¹ Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, Centro Universitário do Sul de Minas - UNISMG, Varginha, MG, Brazil.

nara.goncalves@alunos.unis.edu.br

² Doutora, Centro Universitário do Sul de Minas - UNISMG, Varginha, MG, Brazil.

suzana.ribeiro@professor.unis.edu.br

³ Doutora, Centro Universitário do Sul de Minas - UNISMG, Varginha, MG, Brazil.

elisabrisola@gmail.com

Detalhes editoriais:

Double-blind review system

Artigo de pesquisa

Histórico do artigo:

Recebido: 22 de maio de 2024.

Revisado: 12 de junho de 2024.

Aceito: 13 de junho de 2024.

Disponível online: 13 de junho de 2024.

Editor-chefe

Rodrigo Frankin Frogeri 

Agência de fomento:

Este estudo não foi fomentado por uma agência.

Cite como:

Goncalves, N. F. Ribeiro, S. L. S. Brisola, E. M. A. (2024). Percepções e Desafios na Migração de Mulheres Brasileiras do Sul de Minas Gerais para a Flórida. *Mythos*, 21(1), 71-89.

<https://doi.org/10.36674/mythos.v21i1.850>

*Autor correspondente:

Nara Fernanda Goncalves

nara.goncalves@alunos.unis.edu.br

Resumo

O presente artigo tem como problema de pesquisa investigar quais as percepções no processo migratório de mulheres mineiras para os Estados Unidos, abordando desafios e motivações que elas enfrentam para ir morar nos Estados Unidos, especialmente para a região do sul da Flórida. A pesquisa teve como objetivo compreender as motivações e as experiências de mulheres mineiras no processo de deslocamento. O instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevistas com dez mulheres que migraram do sul de Minas Gerais-BR para a Flórida-EUA. Os dados coletados foram analisados pela técnica da triangulação, à qual articula as narrativas, o contexto e dialoga com autores que estudam as temáticas emergentes das narrativas. Como resultados, percebe-se que as mulheres migram para os Estados Unidos em busca de melhores condições culturais, financeiras e sociais, e que apesar das dificuldades com a língua inglesa e de adaptação a nova cultura, elas não têm interesse em retornar para o Brasil. Atualmente, o perfil da mulher imigrante é heterogêneo, vindo de diversas classes sociais e não mais vinculado a figura masculina como relacionado no início do século passado.

Palavras-chaves: Estados Unidos. Mulher. Imigração. Desafio. Motivação.

Abstract

This article's research problem is to investigate the perceptions of the migration process of women from Minas Gerais to the United States, addressing the challenges they face, what motivates them to immigrate to the United States, especially to the Florida region. The research aimed to understand the motivations and experiences of women from Minas Gerais in the displacement process. The instrument was interviews with ten women who migrated from the south of Minas Gerais-BR to Florida-USA. The data collected was analyzed using the triangulation technique, which articulates the narratives, the context and dialogues with authors who study the themes emerging from the narratives. As a result, women migrate to the United States in search of better cultural, financial and social conditions. That despite difficulties with the English language and adapting to the new culture, they have no interest in returning to Brazil. Currently, the profile of immigrant women is heterogeneous, coming from different social classes and no longer linked to the male figure as reported at the beginning of the last century.

Keywords: *United States. Women. Immigration. Challenges. Motivation.*

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou estudar o processo de imigração de algumas mulheres do sul de Minas Gerais para os Estados Unidos, tendo em vista a mudança dos aspectos culturais, além das experiências vivenciadas por essas imigrantes. Tal tema foi escolhido por motivos pessoais posto que uma das autoras atualmente reside nos EUA, realizou o processo de imigração e estabeleceu relações com outras mulheres nas mesmas situações.

Para tanto, o artigo foi trabalhado por meio do estudo bibliográfico do tema já desenvolvido no campo acadêmico, além da coleta de dados atualizados nos portais oficiais brasileiros e norte-americanos que abordam sobre a imigração oficial de brasileiros nos Estados Unidos. Ainda, no curso da construção deste artigo, realizou-se uma pesquisa de campo com dez mulheres brasileiras de origem do sul de Minas Gerais que migraram para o sul da Flórida. Para a realização das entrevistas foi desenvolvido um roteiro sobre o tema, de forma a indagar essas mulheres mineiras, residentes na Flórida, sobre as motivações que as levaram a migrar para a América do Norte, suas dificuldades enfrentadas no processo de imigração, os problemas neste percurso e outros aspectos presentes nas entrevistas. A pesquisa bibliográfica possibilitou uma comparação de trabalhos já realizados sobre os temas da pesquisa desenvolvida permitindo encontrar novos aspectos a serem apresentados neste artigo.

A história oral das entrevistadas permitiu a compreensão dos fatores motivacionais e dificultadores neste processo de imigração de maneira pessoal e que encontra relação com pesquisas migratórias para os Estados Unidos ao longo de ondas de migração desde da década de 1980.

A problemática desse estudo surge a partir da preocupação com este cenário de crescimento das trocas populacionais no mundo contemporâneo, e em especial dos papéis desempenhados por EUA e Brasil. Ao analisar o movimento de globalização atual, conhecendo os processos migratórios ocorridos durante o curso da história, é possível encontrar conexões entre o crescimento da imigração de mulheres brasileiras para os Estados Unidos. Assim, cabe problematizar o quanto os estudos migratórios mesclam percepções subjetivas e dados objetivos, e perguntar: quais as percepções de mulheres do sul de Minas Gerais, que imigraram para o sul da Flórida, suas motivações, possibilidades e desafios para realizarem esse processo migratório?

Este artigo está organizado da seguinte forma: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões, conclusão e referências bibliográficas.

2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de estudar sobre a migração de mulheres brasileiras para os Estados Unidos foi realizada pesquisa bibliográfica, estudando e trazendo as informações de especialistas sobre os processos migratórios, além de pesquisa de campo e a realização de entrevistas, registrando narrativas e as histórias de mulheres que migraram do Sul de Minas Gerais/BR para a Flórida/EUA, analisando as informações sobre o tema da imigração de mulheres brasileiras para os EUA.

Algumas temáticas de destacam na bibliografia consultada. Uma primeira diz respeito aos fluxos e as motivações que levam mulheres a imigrar. Em um segundo aspecto a imigração atual é trabalhada pelos autores como processo complexo que relaciona especificidades de gênero ao desenvolvimento humano. Os estudos lidos destacam a importância da formação de redes de comunicação e apoio mútuo entre o grupo de mulheres imigrantes. Tais redes auxiliam em outro importante ponto, a conquista de um trabalho remunerado.

2.1 Entre motivações e ondas migratórias

Segundo dados mais recentes da ONU, o fluxo migratório da América do Sul em direção à América do Norte se intensificou abruptamente até meados de outubro de 2021, fluxos diversificados em termos de gênero, idade, nacionalidade de origem, rotas percorridas e outros motivos (Onu, 2022).

Na década de 1980, o Brasil passava por uma crise econômica que acarretou o fluxo migratório de brasileiros, oriundos de Minas Gerais, sobretudo da cidade de Governador Valadares à qual tornou-se à época uma grande exportadora de pessoas (Siqueira, Assis & Campos, 2010).

Massey (2008) explica que esse fenômeno migratório emergiu com força nos últimos 30 anos, cujo volume, de acordo com o autor, mudou de regiões da Europa, fonte histórica de fluxos migratórios, passando a crescer em outros lugares, como Austrália, Canadá e os Estados Unidos.

Percebe-se, portanto, que existe um grande fluxo migratório de brasileiros para os Estados Unidos, havendo um crescimento em larga escala nas últimas décadas, de modo que, busca-se estudar de forma mais específica esses processos migratórios realizados pelas mulheres brasileiras da região do Sul de Minas Gerais.

Bloem (2015) classifica a a migração dos brasileiros para os Estados Unidos em três grandes ondas e classes sociais. Uma primeira onda na década de 1980 em um processo migratório voltado para os brasileiros que buscavam melhores condições sociais; uma segunda onda com a imigração de pessoas das classes mais baixas e uma terceira onda com a mudança de empresários devido a mudança política no Brasil, sobretudo pela polarização política instalada desde 2016. Esse movimento pode ser visto nos papéis assumidos por uma das entrevistadas dessa pesquisa, que se identifica como empresária.

De acordo com Bloem (2015), a segunda onda de imigração brasileira para a Flórida ocorreu nos primeiros sete a oito anos do novo milênio (entre 2000-2008), quando a economia norte-americana estava indo melhor do que a brasileira. Redes sociais de migrantes produzidas por fluxos migratórios anteriores do Brasil, provavelmente, abriram as portas da Flórida para a classe trabalhadora. Como consequência, incontáveis brasileiros se estabeleceram no norte do condado de *Broward* (especialmente *Pompano Beach*) e no sul do condado de Palm Beach (principalmente *Boca Raton*).

No trabalho desenvolvido com a realização das entrevistas, percebe-se que as mulheres participantes pertencem a imigrantes da 2ª onda, ou seja, final dos anos 90 até aproximadamente 2008 e 3ª onda, a partir de 2008. São mulheres que migraram para os Estados Unidos em busca de melhores condições sociais em razão da falta de oportunidades no Brasil.

Assis e Siqueira (2007) entretanto, destaca que em relação às motivações para a migração, existe um conjunto de fatores de ordem não econômica que parece ter impacto na seletividade da migração, os quais são mencionados mais por mulheres do que por homens tais como: a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, problemas conjugais e violência física, a impossibilidade de divórcio, casamentos infelizes e desfeitos, discriminação contra grupos femininos específicos e a ausência de oportunidades de trabalho para as mulheres. Tais motivações aparecem também nas entrevistas que realizamos na presente pesquisa.

Morokvasic (2014) explica que as mulheres não migram apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada. Portanto, de acordo com a autora, nos fluxos contemporâneos, as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, sendo pioneiras em encontrar trabalho nos Estados Unidos, quebrando a imagem daquelas que esperam ou que seguiram os passos dos homens.

As afirmações de Morokvasic (2014) podem ser percebidas nas entrevistas realizadas na qual há mulheres divorciadas que migram para os Estados Unidos de maneira independente e outras que já dispõem de condições econômicas estáveis, mas buscam algo mais em um processo migratório sem reais garantias de sucesso.

Portanto, conforme esclarecido inicialmente, o interesse de uma das autoras sobre o tema se dá por motivos pessoais, visto que é uma mulher brasileira que migrou para o Sul da Flórida/EUA, e assim como ela, existem outras mulheres que realizaram tal processo. Para além dos motivos particulares, o presente estudo se justifica por ser notável o crescimento, especialmente na região da Flórida, de imigrantes brasileiros, resultando na formação dessas comunidades na área. Assim, busca-se levantar as possibilidades e desafios enfrentados por essas mulheres, como preconceitos de gênero, raça, etnicidade, classe social, idade e regionalismos e sobre a imigração feminina da região do Sul de Minas Gerais/BR para a Flórida/EUA.

2.2 Mulheres imigrantes: desenvolvimento e redes

Salum (2020), citando as lições de Massey (2008), explica que as migrações internacionais são constituídas a partir de condições históricas específicas em contextos socioeconômicos particulares. Não obstante, a autora chama a atenção para a necessidade de reconhecer a complexidade das migrações internacionais. A obra de Salum (2020), intitulada “O Potencial Desenvolvimento Humano de Mulheres Migrantes” apresenta reflexões no contexto das migrações que cooperam com a mudança na divisão sexual do trabalho nos lares de migrantes e que a realidade da migração reordena a vida familiar. Podemos, então, discutir se essa transformação possibilita a mudança de comportamento e ação dessas mulheres, expandindo sua capacidade e, a partir disso, avançando no desenvolvimento humano.

Para De Haas (2010), existe uma mudança de paradigma científico na elaboração de políticas que têm se distanciado das teorias clássicas sobre migrações, além de salientar que avaliações diferenciadas sobre a relação recíproca entre migração e desenvolvimento, principalmente, ligadas à conceituação do que de fato se entende por desenvolvimento. De Haas (2010) busca em sua obra realizar um debate sobre migração e desenvolvimento em uma perspectiva histórica mais ampla que a teoria da migração em particular e a teoria social em geral, pois compreende que deve haver um progresso na compreensão dos fatores que determinam as interações migratórias, sendo que o desenvolvimento só é possível se houver mais testes de hipóteses derivadas teoricamente, a fim de se obter uma compreensão generalizada das interações migração-desenvolvimento.

A leitura de tais trabalhos permitiu compreender que os estudos migratórios negligenciaram a mulher como uma migrante desacompanhada, em deslocamentos em que estivesse sozinha, e em migrações em que ela fosse chefe de família e líder dos movimentos migratórios (Morokvasic, 1984). Indicando a importância de se estudar as condições de imigração de mulheres, especificamente.

Neste sentido, de forma complementar, Kosminsky (2004) explica que a invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre migrações internacionais não reside somente no seu ocultamento nesse fenômeno, mas também ao retratá-las como coadjuvantes na posição de membro da família, conferindo um sentido estereotipado às suas experiências. Desse modo, investigações capturadas pelo discurso patriarcal deixam de ouvir às percepções das mulheres imigrantes em relação ao seu mundo, negligenciando o fato de a imigração ser vivenciada de forma diferenciada por homens e mulheres, perspectiva com a qual a presente pesquisa tenta romper. Importa lembrar que a produção intelectual feminista foi quem buscou compreender as repercussões da imigração na vida das mulheres, desvelando os diferentes efeitos produzidos na vida de ambos os sexos, que passam a questionar valores enraizados do que é ser mulher imigrante.

Assis e Siqueira (2007) colaboram com esse entendimento, quando aborda sobre o Museu de Ellis Island, onde esclarece como as mulheres eram representadas no processo migratório para os Estados Unidos. De acordo com as autoras, as várias fotos que reconstróem a passagem de milhões de migrantes pelo serviço de imigração nos Estados Unidos evidenciam quais eram as expectativas do Serviço de Imigração sobre os migrantes. Nas fotos que se encontram no Museu e que representam a chegada dos homens, há uma legenda com a seguinte pergunta: “Você tem trabalho?”. Já nas fotos em que aparecem mulheres e crianças, consta na legenda explicativa a pergunta “Você é casada?”. Essas imagens revelam diferentes expectativas e representações em relação aos migrantes que também são recorrentes nas teorias sobre migrações internacionais. Ou seja, enquanto os homens são representados como aqueles que vinham em busca de trabalho, as mulheres não foram inicialmente representadas como trabalhadores imigrantes, e sim como aquelas que acompanhavam maridos e filhos. Dessa forma, nunca eram percebidas como sujeitos no processo migratório (Assis e Siqueira, 2007).

Vale destacar que as mulheres imigrantes pareciam ser pressionadas a preservar os valores do seu país de origem, pois Assis e Siqueira (2007) identificaram que as mulheres imigrantes brasileiras, nos Estados Unidos, assumiram o papel de mantenedoras das redes sociais do país de origem. A estratégia das redes sociais citada por Assis e Siqueira (2007), pode ser confirmada na presente pesquisa e inclusive foi utilizada para contactar as mulheres entrevistadas na pesquisa.

Ainda sobre redes migratórias, a leitura de Massey (1987) ensina que tais redes constituem laços sociais que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras, unindo migrantes e não-migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos.

Goza (1992) também analisa essas redes sociais em seu texto “Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos”. Em sua análise, o autor evidencia o impacto positivo das redes na facilitação tanto do projeto migratório como do processo de fixação dos imigrantes no país hospedeiro, evidenciando ainda a problemática do acesso desigual às redes quanto a poder, recursos e informações, bem como analisando particularmente questões de gênero.

Na presente pesquisa foi possível perceber a formação de redes de contato entre mulheres imigrantes brasileiras. O trabalho de formação de redes ocorre nas igrejas com comunidades brasileiras, através de criação de grupos de aplicativos de *whatsapp* e redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, bem como a troca de informações entre brasileiras criando uma rede informal de maior visualização.

Essas redes de brasileiras no sul da Flórida permitiu a busca de colaboradoras para o desenvolvimento desta pesquisa. A ligação entre as imigrantes tem por finalidade trocar informações locais de interesse as mulheres imigrantes, criar laços de proximidade com pessoas brasileiras bem como apoiar situações de dificuldades migratórias.

No mesmo pensamento, Siqueira (2011) afirma que, apesar do início do fluxo migratório brasileiro para os Estados Unidos se composto de maioria masculina, com o passar dos anos as mulheres tiveram sua relevância neste processo com a formação de comunidades étnicas na chegada e na criação de redes de contato na origem e no destino. Os fatores elencados por Siqueira (2011) para as migrações de mulheres para a América do Norte vão desde as questões econômicas como também a busca de empoderamento, a fuga de problemas afetivos e uma maior autonomia. A autora apresenta uma nova visão da situação migratória da mulher colocando-a numa posição diferente da visão de mera acompanhante do marido. Questões que foram percebidas no desenvolvimento do estudo que ora se apresenta.

2.3 Trabalho e gênero

A inserção no mercado de trabalho é condição fundamental para mulheres imigrantes. Neste sentido a leitura do texto de Souza e Fazito (2017) apresenta resultados que indicam uma divisão entre motivações relacionadas por homens e mulheres. O estudo evidenciou que núcleo central da migração está relacionado com dinheiro/trabalho/vida melhor, entretanto que homens entendem a rota para os Estados Unidos como uma forma de ajudar a família, enquanto as mulheres aceitam como um sacrifício necessário que gera saudades devido ao fato de estar longe da família. Os trabalhos realizados também são diferentes. Chegando nos Estados Unidos, as principais ocupações procuradas pelas mulheres imigrantes são relacionadas à limpeza - dishwasher, housecleaner – ou aos cuidados - cuidadora de idosos e babysitter - ambas atividades muito comuns ao gênero feminino. De acordo com Siqueira (2011), os trabalhos dos homens são mais focados na construção civil.

Rodrigues, Strey e Espinosa (2009) explicam que estudos de imigração têm focado as formas de participação da mulher no mercado de trabalho, a relação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, a vida familiar, as alterações nas relações de gênero, as diferenças de status da mulher no país de origem e no país hospedeiro.

Desse modo, percebe-se que a experiência migratória feminina está entrecortada pela própria condição social do que é ser mulher e isso resvala também na forma como os lares de imigrantes se estruturam. Em razão da necessidade econômica de trabalhar, há uma mudança na atribuição tradicional dos papéis de gênero. Pessar (1984) deixa claro que, desde o século passado, a migrante não está restrita à esfera da vida privada, mas também participa da esfera pública como trabalhadora. Mas o que se vê nos moviemntos atuais é que ao compor de forma significativa como a renda doméstica, ou se colocar como maior ou única renda, isso acaba por promover às mulheres a oportunidade de participarem ativamente ou serem sujeitos da tomada de decisão no ambiente familiar.

Na pesquisa que realizamos percebeu-se que todas as mulheres entrevistadas trabalhavam e apresentavam formações diversas em um perfil que varia do tradicional modelo migratório sem qualificação ou de baixa renda. A pesquisa contactou mulheres que exerciam uma profissão no Brasil variando de formação em administração, dentista e professora universitária, empresária da construção civil como também professora de artes, vendedora de livros, cabelereira e manicure. Essa variante de trabalho proporciona uma nova visão das mulheres imigrantes, com a perspectiva de inserção na sociedade americana a partir de seus trabalhos, com objetivos distintos e aspectos econômicos próprios de cada história de vida.

Uma leitura relevante para nosso trabalho foi o texto de Magalhães (2011). Sua obra foi um estudo sobre a Imigração Brasileira para o sul da Flórida, que apresenta similaridade com a pesquisa desenvolvida neste artigo. Através de entrevistas a autora apresenta a trajetória de vida de cada imigrante, com suas particularidades e uma formação de uma memória coletiva deste processo.

Buscou-se a pesquisa sobre gênero e migração brasileira para os Estados Unidos de modo a compreender as dificuldades e diferenças dos aspectos migratórios analisados. No estudo de Assis e Siqueira (2007), as autoras destacam que tanto no passado quanto no presente, as mulheres, em sua maioria, migram em grupos familiares, elas também migram sozinhas, em busca de autonomia, para fugir de poucas oportunidades ou de discriminações nos locais de origem.

Assim, a análise das histórias das mulheres registradas por essa pesquisa terá como preocupação um olhar interseccional, refletindo sobre dinâmicas de interação entre eixos de subordinação, em especial gênero (que pode estar relacionado a estado civil e número de filhos), classe (que pode estar relacionada a ser indocumentado ou não) e raça.

2.4 Imigração brasileira na Flórida e a História Oral

A imigração para os Estados Unidos parece se apresentar como um sonho para muitas mulheres que moram no Brasil. Um dos principais destinos é o estado da Flórida, local de clima considerado mais semelhante ao brasileiro, no qual já existem diversos grupos de brasileiros residentes. A quantidade exata de imigrantes do Brasil é ainda imprecisa devido a falta de registros precisos na embaixada brasileira e a existência de grande número de migrantes não documentados. De acordo com Magalhães (2003), buscou-se tentar realizar esse levantamento através da inclusão de uma pergunta no censo realizado no Brasil junto as famílias, porém o alto custo para essa modificação inviabilizou essa busca mais precisa da quantidade de pessoas residentes nos Estados Unidos.

Magalhães (2003), em seu estudo sobre a Imigração Brasileira para o sul da Flórida, citou as dificuldades em precisar o número de brasileiros que vivem na região. A autora coloca que somente consegue-se estimar o número através de jornais locais, das igrejas e do consulado brasileiro.

A motivação dos brasileiros para a imigração é o fator clássico de buscar melhores condições de vida no país de destino ou fugir de condições políticas ou conflitos internos. Autores como Sales (2009) falam sobre as frustrações econômicas vivenciadas no Brasil no final da década de 1980 e início da década de 1990 como fator para a migração. Também mostram o fluxo existente entre Governador Valadares-MG para os Estados Unidos criando um aumento do número de brasileiros que apresentavam a ligação destes dois locais.

A própria questão econômica pode ser citada como uma das causas para o aumento do número de imigrantes para a Flórida. O turismo aumentou muito a partir da década de 1980 devido, sobretudo, ao interesse de brasileiros pelo consumo de bens produzidos no exterior. Magalhães (2003) aponta a abertura de um grande número de lojas destinadas ao público sacoleiro e turístico estimulando a contratação de trabalhadores que falassem português e criando um fluxo de rede de entrada de imigrantes na região.

Em outra obra de Magalhães (2011) intitulada “Brasil no sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória”, a autora traz histórias de vida que permitem compreender a interpretação que os sujeitos fazem de sua própria trajetória. Nelas, cada indivíduo apresenta a sua narrativa, sua identidade no processo migratório criando uma memória coletiva para o processo em curso.

O presente trabalho apresenta a percepção de mulheres brasileiras, escrito por uma mulher, uma delas imigrante, buscando o papel da mulher no processo migratório. Relacionando aos estudos de Assis e Siqueira (2007), busca-se visibilizar as ações das mulheres, saindo do papel de acompanhante do marido para apresentá-las como definidoras dos seus destinos e decisões.

A análise das dez entrevistas realizadas permitiu caracterizar as participantes dentro de aspectos já apresentados para essa pesquisa: dificuldades enfrentadas no processo de imigração; impacto de ser mulher brasileira, branca, rica ou pobre, jovem ou não; motivação para ir aos Estados Unidos; experiência no processo de deslocamento; percepção da burocracia; experiência nos Estados Unidos; e sentimento em relação a expectativa de retorno.

Dois aspectos merecem destaque na análise a ser realizada. Um primeiro ponto está relacionado a onda migratória na qual as participantes estão inseridas. Somente a 1ª entrevistada está no Estados Unidos antes de 2000 sendo que a maioria das mulheres está a menos de uma década na Flórida.

Um segundo aspecto a ser analisado neste momento é a compreensão da história oral. Nas entrevistas realizadas buscou-se entender a fala das mulheres como elas indicavam as percepções, os sentimentos passados e a identidade étnica.

Conforme apresenta Portelli (2012) o tom, volume e ritmo do discurso carregam

implícitos significados e conotações sociais irreprodutíveis no escrito. O mesmo autor afirma que as emoções do narrador, sua participação na história e a forma com o qual a história afetou são elementos presentes que devem ser inseridos no contexto.

Entende-se que essa pesquisa esconde uma pluralidade e diferenças que compõe o grupo entrevistado. Assim, indica-se que no presente trabalho foram entrevistadas mulheres de diferentes classes sociais e que para todas elas a melhoria de vida foi apontada como objetivo do processo migratório. Contudo, interessa destacar que há diferenças entre as migrantes antes mineiras mais e menos abastadas. De maneira geral, pode-se dizer que as mulheres que migraram para ampliar seus negócios já existentes no Brasil, vivenciam o processo de deslocamento territorial munidas de conhecimento sobre a língua e capital para se instalar no novo país de forma confortável. Já as mulheres que vivenciam este processo na tentativa de ganhar um pouco mais de dinheiro, vão para os Estados Unidos sem conhecimento da língua inglesa, e com pouco dinheiro para organizar seu processo de inserção na sociedade estadunidense. Desta maneira pode-se compreender de forma interseccional (entendendo que classe, domínio da língua, ter ou não documentos podem ser categorias que influenciam a experiência migratória destas mulheres mineiras, ou seja, experiência de migração por mulheres das classes mais abastadas é bastante diversa da vivência das mulheres mais pobres). Embora o processo de vivência em um país diferente e não conhecido, seja colocado como desafio para várias delas.

Foi possível caracterizar as entrevistadas apresentando de maneira resumida os relatos das brasileiras imigrantes através de suas considerações e histórias presenciadas no processo de ingresso nos Estados Unidos, as questões relacionadas a adaptação, motivações, preconceitos, qualidade de vida entre outros assuntos.

3 METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, buscando responder às questões particulares, com um universo de significados, motivos, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2005).

Na abordagem qualitativa, as pesquisadoras colocaram interrogações que foram discutidas durante o próprio curso da investigação, na tentativa de compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise.

O instrumento utilizado foi a entrevista guiada por um roteiro realizada de modo *on-line* por web conferência buscando conhecer as experiências de 10 mulheres que migraram do Sul de Minas Gerais/BR para a Flórida/EUA.

A fim de capturar a subjetividade das participantes utilizou-se a Metodologia da História Oral a qual se trata de uma prática de apreensão de narrativas por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a registrar narrativas, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (Meihy & Ribeiro, 2011).

A história oral permite o contato com formas próprias de registro e leitura da realidade descrita nas narrativas e isso muitas vezes é inovador. Assim, associada às pesquisas em educação ou em ciências humanas pode construir narrativas sobre as experiências de profissionais compreendendo os seus fazeres e saberes e valorizando-os.

Trazendo as palavras de Meihy e Ribeiro (2011, p. 15), a história oral pode ser definida como um “conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. Isso importa, pois a percepção das mulheres entrevistadas é o ponto central deste trabalho, compreendendo a singularidade e

particularidade de cada uma delas nesse processo migratório.

O uso da história oral por meio das entrevistas permitiu o registro de narrativas, lembrando que segundo Ribeiro (2009, p.34) “a matéria prima para a Constituição de uma narrativa é a experiência memorizada, que pode ser reinterpretada, reinventada e contada. A narrativa é a forma pela qual se tem acesso às memórias pessoais. Neste sentido, os conceitos de memória e narrativa são inseparáveis.

A história oral permitiu também a compreensão das motivações e dos aspectos facilitadores e dificultadores vivenciados, mas as sensações e sentimentos transmitidos pelas mulheres entrevistadas. Como afirma Portelli (2017), fontes orais são formadas numa troca dialógica como a entrevista: literalmente uma troca de olhares onde perguntas e respostas não são a única direção.

No tocante às participantes da pesquisa, cumpre informar que essas foram escolhidas conforme cumprimento das características: a) mulheres brasileiras; b) residentes na Flórida; c) Imigrantes do Sul de Minas Gerais. Foi realizada uma triagem *online* durante o processo de escolha, destacando o caráter voluntário da participação. Uma das autoras do presente artigo, faz parte de grupos nas redes sociais que contam como membros mulheres brasileiras que migraram para a Flórida, havendo, dentre elas, mulheres que vieram do Sul de Minas Gerais e que se interessaram em participar da pesquisa.

Para a realização dessa pesquisa dez participantes foram escolhidas, obedecendo os critérios acima expostos. O quadro 1 apresenta as características das participantes das entrevistas com o objetivo de dar visibilidade a preocupação de um olhar interseccional, em especial gênero (que pode estar relacionado a estado civil e número de filhos), classe (que pode estar relacionada a ser indocumentado ou não) e etnicidade:

Quadro 1. Dados das entrevistadas

Entrevista	Idade	Estado civil	Filhos	Etnicidade	Tempo de moradia Brasil	Profissão Brasil	Tempo moradia EUA (anos)	Profissão EUA	Renda EUA
1	45	casada	2	Branca	20	-	25	consultora	U\$ 60 mil/ano
2	34	casada	2	branca	28	administradora	6ª	administradora	U\$ 13 mil/mês
3	58	casada	3	branca	48	Profª artes e piano	10	-	Sem renda
4	48	casada	2	Descendente Italiana, espanhol e portugueses	4	fotógrafa	6	fotógrafa	U\$ 3,5 mil/mês
5	55	Divorcia-da	3	branca	24a em MG	Dentista e profª universitária	5ª	legal assistent	U\$ 58 mil/ano
6	58	separada	Não info	negra	53ª	cabelereira	5ª	helping/faxineira	variável
7	43	casada	1	branca	42ª	dentista	10 m	dental hygienist	Sem renda
8	61	casada	2	branca	57ª	Empresária construção civil	3ª	empresária construção civil	U\$ 300 mil/ano
9	34	casada	2	branca	18ª	Manicure/pedicure	16ª	manicure/pedicure	Sem renda
10	34	casada	1	branca	18ª	Vendedora de livro	16ª	banco	Não info

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Uma vez que a pesquisa contou com a participação de mulheres para a coleta de dados, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (e aprovada por meio do protocolo no. 6.024.445), cuja finalidade maior é defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos.

A produção das entrevistas foi guiada por um roteiro sendo que as entrevistadas tomaram ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deixando claro a todo momento que sua participação era voluntária. Todas as etapas que estavam previstas para a realização da produção de narrativas foram pautadas no princípio da dignidade da pessoa humana, respeitando a subjetividade das participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Assim, para que possamos alcançar os objetivos dessa pesquisa foi preciso olhar cada entrevista especificamente de maneira a analisar as percepções dessas mulheres – refletindo sobre motivações, possibilidades e desafios, sobre referências feitas a respeito de gênero, raça, etnicidade, classe social, idade e regionalismos; a identificar os fatores facilitadores e dificultadores no processo de deslocamento; compreender as motivações e as experiências de mulheres mineiras nesse processo; e identificar as percepções de mulheres mineiras acerca das relações entre Brasil e EUA com respeito à imigração.

Buscando responder a problematização de pesquisa, as entrevistas conduziram para histórias narradas pelas mulheres imigrantes com citações claras e corroborando com as referências citadas no trabalho.

A Entrevistada 1 era uma mulher que migrou na juventude, para os Estados Unidos. Muito calma e lúcida em suas respostas, fez faculdade e desenvolveu sua vida na América do Norte. Diferente do perfil de mulheres que migraram por necessidade, a entrevistada apresentava melhores condições de vida para iniciar sua jornada. Citou que sua maior dificuldade foi a questão da documentação, que afetava a sensação de segurança e estabilidade. A falta de familiares e amigos também foi um desafio emocional. Não relatou ter enfrentado preconceito por sua condição de mulher brasileira, branca e de classe média nos Estados Unidos. No entanto, mencionou que sua etnia pode ter influenciado sua experiência positiva em relação ao local em que viveu inicialmente. A curiosidade em ingressar em uma faculdade americana, a busca por segurança e uma vida mais tranquila foram algumas das motivações para imigrar. Descreveu, ainda, o processo de deslocamento emocional como sendo complicado, pois sempre sentiu uma falta de pertencimento tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Ela destacou que o aspecto emocional foi o maior desafio enfrentado. Percebe a burocracia nos Estados Unidos como sendo rígida e menos flexível do que no Brasil. Mencionou ainda a importância da documentação para ter acesso a certos direitos e oportunidades. Citou que se estabeleceu sozinha nos Estados Unidos e não buscou morar perto de outros brasileiros para poder aprender melhor o idioma inglês, mostrando um perfil diferenciado em relação ao que foi apontado pela bibliografia lida. Ela passou por dificuldades iniciais de adaptação devido à barreira da língua, mas com o tempo conseguiu superá-las. Já sentiu vontade de voltar definitivamente ao Brasil, especialmente devido à presença de sua família, mas acabou decidindo ficar nos Estados Unidos devido à estabilidade e às oportunidades oferecidas pelo país.

A Entrevistada 2 também possui um perfil de mulher segura, com colocações objetivas e decidida de suas escolhas. Comentou as dificuldades com o idioma, desconhecimento dos processos e normas do país e com o processo migratório demorado e caro. Não mencionou sentir impactos significativos por ser mulher brasileira, branca, rica e jovem. A principal motivação inicial foi a expansão dos negócios e a oportunidade de torná-los mais visíveis. Atualmente, a educação dos

filhos, a experiência cultural e a qualidade de vida também são motivos para a permanência. Além da expansão dos negócios, destacou a oportunidade de proporcionar uma vida melhor para seus filhos, a cultura que descreveu como “ética” dos Estados Unidos e a facilidade de acesso a produtos e serviços. Descreveu o processo como uma vivência de mudanças e adaptações. Ela mesma se adaptou rapidamente, enquanto seu marido demorou cerca de três anos para se familiarizar com os Estados Unidos. Ela considera a burocracia maior para os brasileiros em comparação a outros países, como alguns da Europa, que possuem vistos específicos para negócios e estabelecimento. Descreve que está familiarizada com o local onde vive, se sente em casa e gosta da cultura e organização dos Estados Unidos. Relatou que nunca sentiu vontade de voltar definitivamente para o Brasil, pois se identifica com a cultura e qualidade de vida nos Estados Unidos.

Já a entrevistada 3 transpareceu um perfil diferente das duas primeiras entrevistadas. Sendo uma mulher com mais de 50 anos demonstrava mais reflexão em suas respostas durante a entrevista. Informou que a pessoa que os convidou a trabalhar como pastora em uma igreja no Estados Unidos os deixou sozinhos após 4 dias, o que tornou o processo de imigração mais difícil. Sua ida para os EUA foi para realizar obra missionária em uma igreja. Ela descreve o processo como difícil, abandonando uma vida boa no Brasil e tendo que começar a cuidar de pessoas na Flórida, o que fez com que sua experiência possa ser aproximada do perfil de trabalhos apontado pela pesquisa de Siqueira (2011), que indicou que na chegada aos EUA, dentre as principais ocupações procuradas de mulheres imigrantes estão a de cuidadora de idosos e de crianças. A entrevistada citou que teve que enfrentar dificuldades de adaptação, especialmente por não terem recebido informações claras sobre o trabalho que teriam que realizar neste novo país. Considerou que a imigração para a América do Norte é cara, sendo necessário contratar advogados e lidar com taxas e impostos altos. Ela também mencionou uma experiência em que não pôde estudar apesar de ter um visto válido. Ainda descreveu os primeiros tempos como difíceis, especialmente por viver em uma comunidade predominantemente americana. No entanto, atualmente, se sente mais adaptada. Ela mencionou ter sentido vontade de voltar várias vezes, mas sua família e seus filhos já estão estabelecidos nos Estados Unidos, o que a motiva a permanecer. Sua experiência de certo modo corrobora com os estudos de Souza e Fazito (2017), no que diz respeito À motivações da imigração feminina estar relacionada não apenas ao sustento da família, mas ao seu relacionamento familiar, de modo que mulheres que ficam afastadas de seus familiares sentem muitas saudades, e por isso podem pensar em retornar, e as que vivenciam o processo migratório com sua família tendem a permanecer, se adaptando mais facilmente. A narradora disse ter tido dificuldades iniciais para desempenhar sua profissão, principalmente por não ter uma comunidade de conterrâneos por perto. No entanto, com o tempo, essas dificuldades diminuíram.

A entrevistada 4 apresenta características de imigrantes muito próxima àquelas descritas por autores estudados neste trabalho: saiu do país de origem por melhores condições de vida, sofreu dificuldade com a língua, rede de brasileiros na Flórida para maior adaptação e empenho com a burocracia. Descreveu suas dificuldades com a língua, cultura, falta de conhecidos e a restrição inicial de trabalhar devido ao visto de estudante. Acredita que ser mulher facilitou seu trabalho como fotógrafa, especialmente em retratos íntimos. Ela não menciona impactos relacionados à sua etnia, condição de classe, idade ou região de origem. Seu motivo para imigrar foi por melhores oportunidades para seus filhos, aprendizado da língua e insatisfação com o governo brasileiro. Descreveu a Flórida como acolhedora e mencionou que a comunidade brasileira facilitou sua adaptação, e isso pode estar relacionado à existência das redes indicadas por trabalhos como os de Goza (1992). Inicialmente, veio com visto de estudante e, após seis meses, conseguiu autorização de trabalho passando a divulgar seu fazer profissional após um ano de chegada. Ela reconheceu que a burocracia é um desafio no processo de imigração, mas também compreende que é necessária

para controlar o fluxo de imigrantes no país. Adaptou-se bem à Flórida, destacando a segurança e as oportunidades disponíveis. Ela sente saudades da família no Brasil, mas valoriza as vantagens de viver nos Estados Unidos citando a segurança, oportunidades culturais para a família os retornos financeiros maiores que ganhava no Brasil. Não menciona desejo imediato de retornar ao Brasil de forma definitiva, devido à violência que sentia no país e à falta de esperança em relação ao governo brasileiro no ano de 2016.

Com relação a Entrevistada 5, ela guarda traços de sua origem mineira com uma fala calma, leve sotaque e um discurso consciente. Ela citou a barreira da língua, dificuldade de inserção no mercado na mesma área de atuação e os processos de validação profissional demorados. Relata que não sentiu impacto negativo por ser uma mulher brasileira, branca de meia idade. Ela afirmou que foi recebida de forma respeitosa em todos os lugares, enfatizando que a forma como se aborda as pessoas faz diferença na maneira como é tratada. Tinha o sonho de morar fora do país, buscava segurança e perspectivas de vida melhores para seus filhos. Descreve o processo de deslocamento como desafiador e de resignificação. Ela destacou que se sentia como uma pessoa que renasceu em todos os sentidos, enfrentando desafios diários e exercendo resiliência. Realizou o processo de imigração de forma legal e correta, obtendo um visto chamado EB1, de habilidades excepcionais. O processo levou cerca de 2 anos, desde a contratação do escritório até a obtenção do *green card*. Naturalizando a lógica estadunidense, considerou que a burocracia no processo de imigração é necessária e compreende que os Estados Unidos devem proteger seus interesses e controlar a entrada de imigrantes. Ela valoriza a ordem e o respeito presentes no país, destacando a cidadania exemplar dos americanos. Descreveu sua experiência nos Estados Unidos como desafiadora, mas também gratificante. Ela destacou a diversidade cultural do país e sua adaptação positiva a esse ambiente. Não se vê mais morando no Brasil, mas valoriza suas raízes e considera sua imigração como um privilégio.

A entrevistada 6 foi com uma senhora. Sendo a única negra a aceitar o convite para participar da entrevista, mostrou-se uma mulher determinada, mas de renda inferior às demais. Também foi umas das entrevistadas que teve dificuldades com a língua inglesa, mas não mencionou dificuldades específicas no processo de imigração. Não sentiu impacto por ser mulher, mas comentou ter sofrido racismo devido à sua cor de pele quando era mais jovem, o que a desestimulou a continuar os estudos. Foi para os Estados Unidos incentivada por uma amiga e a oportunidade de conhecer outro país. Adaptou-se facilmente ao novo ambiente, exceto pela dificuldade com o idioma inglês. Mencionou que a burocracia nos Estados Unidos é diferente, com as pessoas sendo mais diretas e objetivas em comparação ao Brasil. Informou que encontrou oportunidades de trabalho na área de limpeza e atendendo clientes em casa como cabeleireira. Sentiu vontade de voltar ao Brasil devido à sua origem e família, mas decidiu permanecer nos Estados Unidos devido ao divórcio, situação na qual se sentia com baixa autoestima e buscando um distanciamento da cidade de origem. A experiência de vida da entrevistada reforça os resultados apontados por Assis e Siqueira (2007) e Morokvasic (2014) ao destacarem motivações subjetivas para a migração citando questões como problemas conjugais e separações.

A entrevistada 7 é a que menos tempo tinha nos Estados Unidos. Sua história começa que ela abandonou a profissão de dentista, deixando para trás a clínica própria, a clientela, a cidade e o país, além da família. Sentiu discriminação por ser brasileira e dificuldades por não falar a língua. Mudou-se para melhorar a qualidade de vida, ter mais lazer e escapar da escassez na odontologia no Brasil. Passou por momentos difíceis, incertezas, choro e tristeza. Ela vivenciou mudança completa na vida, deixando de ser dentista e se tornando dona de casa. No entanto, teve boas notícias, como a chegada de uma sobrinha grávida e o nascimento do bebê, a socialização foi bem-sucedida de seu filho e a aprovação do *green card*. Motivada por questões financeiras e de lazer,

buscou melhorar a qualidade de vida validando seu diploma nos Estados Unidos. Percebeu que a burocracia é intensa tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Admirou a organização e cultura do país de destino. Vivenciou momentos difíceis pois percebeu que a qualidade de vida que tinha no Brasil caiu inicialmente, devido a não exercer de imediato sua profissão de dentista. Mas indica como positiva a adaptação do seu filho a língua inglesa e a aceitação do processo de imigração acreditando ser relacionada a valorização de sua profissão no país. Está se adaptando à cultura e estilo de vida estadunidense. Já sentiu vontade de voltar definitivamente ao Brasil em alguns momentos, mas resolveu permanecer devido às oportunidades e melhor qualidade de vida nos Estados Unidos.

A oitava entrevista é de uma mulher que se enquadra na 3ª onda de imigrações. Empresária com vida estável, demonstrou simpatia durante a entrevista e assertividade em suas respostas. A colaboradora mencionou que o desapego de deixar algo conhecido para algo novo foi um desafio, mas não citou outras dificuldades significativas. Comentou que ser mulher na área de construção nos Estados Unidos foi positivo, pois recebeu o respeito dos colegas. Não fez menção específica sobre o impacto da etnia, renda ou idade. Foi motivada pela busca de uma vida com mais estabilidade, segurança e melhor qualidade de vida. Descreveu sua experiência como maravilhosa e afirmou que se sente identificada nos Estados Unidos. A única preocupação foi a pandemia, mas ela afirmou que acabou sendo positiva para o ramo de trabalho dela. Busca uma vida com mais estabilidade, segurança e melhor qualidade de vida. Mencionou que seu processo de imigração foi facilitado pelo fato de sua filha ser cidadã americana e ter solicitado o *green card* para ela e seu marido, como pais. Descreveu sua experiência nos Estados Unidos como maravilhosa e afirma que se sente acolhida e segura. Ela explicou que o trabalho sempre traz resultados e que há muitas oportunidades e diz não sentir vontade de retornar definitivamente ao Brasil e brincando que parece sempre ter vivido nos Estados Unidos.

A entrevistada 9 foi a demonstração dos ciclos de processo migratório para os Estados Unidos. Seu pai foi da 1ª onda de imigração e após a consolidação dele, ela foi com 18 anos para a Flórida. Sem uma profissão e buscando melhor qualidade de vida e a realização de sonhos, enfrentou os problemas principais de uma imigrante. A dificuldade inicial foi a falta de conhecimento do idioma inglês, o que atrasou sua adaptação e progresso profissional. Não sentiu impacto por ser mulher brasileira, branca, jovem, de classe média. Relata que seu processo se deu para realizar um sonho de infância, ter um futuro melhor e segurança. O primeiro ano foi difícil, enfrentando choque cultural e a necessidade de aprender inglês. Depois disso, sua experiência melhorou ao conseguir trabalho e aprimorar suas habilidades no idioma. Veio aos Estados Unidos com a ajuda de seu pai, que já estava morando no país. Ela chegou com um *greencard* e esperou cerca de 7 anos para completar o processo de legalização. Considera que o processo de imigração foi burocrático, especialmente para seu pai, mas, uma vez que chegou aos Estados Unidos, a experiência foi tranquila. Após o primeiro ano difícil de adaptação, ela conseguiu se estabelecer, obter trabalho como manicure e depiladora e se sente feliz e realizada. Diz estar muito satisfeita com seu processo migratório.

Em relação a entrevistada 10, a dificuldade foi a adaptação ao novo ambiente e a barreira do idioma, no início. Mencionou que não sentiu nenhum impacto negativo por ser mulher brasileira, branca, jovem e não comentou informações sobre sua condição financeira. A motivação principal para a migração foi seu pai, que já morava nos Estados Unidos e incentivou a família a buscar melhores oportunidades e realizar sonhos. Descreveu que teve uma experiência positiva e se adaptou bem ao novo país, sem sentir saudades do Brasil. Busca melhores oportunidades e realizar sonhos. Mencionou que seu pai, que já era cidadão americano, legalizou a situação da família e facilitou o processo de imigração. Percebeu a burocracia relacionada à imigração nos Estados Unidos como simples e organizada, comparando com o Brasil. Finalizou dizendo que teve uma experiência

ótima nos Estados Unidos, se adaptando bem ao ambiente e não sentir vontade de retornar definitivamente ao Brasil.

Analisando passagens das entrevistas, percebe-se diferentes tipos de pessoas, profissões, situações sociais e idades como demonstram as entrevistadas 5, 8 e 10. Ao se apresentar para a entrevistadora a entrevistada 5 disse “sou dentista com formação, professora universitária e mudei aqui para os Estados Unidos em julho de 2018. Minha renda anual é 58 mil dólares e possui 3 filhos, um de dezoito anos e gêmeos de quinze anos. Sou branca e divorciada com 55 anos”. A oitava entrevistada iniciou sua narrativa afirmando: “Eu tenho 61 anos, sou casada e morei no Brasil por 57 anos. Sou branca, empresária da construção civil”. Por fim, a entrevistada 10 falou “tenho 34 anos de idade, vim para os Estados Unidos há 16 anos, morei no Brasil até meus 18 anos de idade, vim para os Estados Unidos e estou aqui até hoje”.

Ao longo das entrevistas, pode-se encontrar referências que posicionam as entrevistadas entre suas motivações e desafios, entre os sonhos e a realidade. Em suas falas as entrevistadas demonstram que nos Estados Unidos há uma gama muito maior de oportunidades do que as existentes no Brasil. A entrevistada 2 relata suas experiências quanto a estas questões: “A principal motivação, a princípio foi a expansão dos negócios e entender que os Estados Unidos ele é janela para o mundo. Então a gente entendeu que estando nos Estados Unidos a possibilidade de ampliar o nosso negócio e o tornar mais visível seria infinitamente maior do que no Brasil, do que na nossa região, do que no sul de Minas que é uma região ainda mais pacata” (Entrevistada 2).

Em relação as dificuldades encontradas no processo de imigração, as mulheres enunciam questões relacionadas à burocracia estadunidense, ao desafio de conseguir um trabalho ou validar seus estudos, no novo país, contudo, por desconhecimento ou certo distanciamento identitário, não destacam questões de gênero e raça como elementos, a não ser quando perguntadas. Contudo, a questão de ser estrangeira, que pode ser relacionada à etnicidade, aparece nas entrevistas como podemos verificar, abaixo.

Esta análise apresenta elementos centrais para compreendermos as experiências de mulheres brasileiras no processo de deslocamento e identificar as percepções de mulheres mineiras acerca das relações entre Brasil e EUA com respeito à imigração. Neste eixo são citadas diversas passagens que demonstram as dificuldades que imigrantes sofrem nos Estados Unidos. A entrevistada 7 indica em suas falas, algumas das dificuldades culturais existentes: “Por não falar a língua isso é muito sério aqui. E pelo fato de ser estrangeira isso é, não são todos os americanos, mas grande parte não olha com bons olhos não”.

Outro aspecto dificultador e presente nas entrevistas foram as questões burocráticas. Nas comparações entre os 2 países, e suas estruturas de documentação e administrativas relacionadas à imigração, há fortes referências quanto à burocracia, o tema é muito debatido pelas entrevistadas. De maneira que a entrevistada 1 diz que “A burocracia nos Estados Unidos, ela é muito rígida. Os Estados Unidos é um país, assim, aparentemente parece não ser, mas sim, é muito rígido”. Já a Entrevistada 3 retoma o assunto ao afirmar “a gente tem que pagar a cada ano uma “grana” muito alta para um advogado para se manter aqui, além das taxas, dos impostos. Então, é muito complicado e é sempre o preto no branco”.

Nas narrativas produzidas, percebe-se a variação dos fatores motivadores, as dificuldades e os perfis diferentes de cada mulher entrevistada. A brasilidade – e porque não dizer uma “mineiridade”, entendida como identidade sociocultural e étnica - presente em todas as narrativas é reforçada por traços percebidos ao longo das entrevistas através de assuntos tratados como as redes das quais fazem parte, dos hábitos alimentares, mas também do sotaque mineiro, da participação de grupos comuns e das atividades criadas por brasileiras na região da Flórida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar as percepções de mulheres acerca das motivações, possibilidades e desafios marcados por preconceitos de gênero, raça, etnicidade, classe social e regionalismo nos processos imigratórios entre as regiões do Sul de Minas Gerais/BR e a região da Flórida/EUA.

Foram entrevistadas dez mulheres de diferentes classes sociais, idades, formações, e situações econômicas vividas tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Cada uma apresentou uma história de vida própria caracterizada pelas suas motivações, dificuldades e possibilidades de desenvolvimento encontradas na imigração.

Percebe-se que existe a aproximação entre os principais aspectos investigados para o processo migratório por parte das mulheres entrevistadas com a literatura existente para os motivos imigratórios tais como: melhorar as condições de vida e crescimento pessoal. Entretanto, há elementos que se diferenciam no que tange aspectos comuns da imigrante, sobretudo, no que se refere ao pertencimento de classe social de oito das entrevistadas.

No que tange aos objetivos foi possível identificar fatores que influenciaram o processo de migração para o Sul da Flórida. A maioria das entrevistadas apontou dificuldades em relação à burocracia no processo migratório como um dos fatores determinantes. A questão do conhecimento da língua inglesa foi outro aspecto dificultador para uma melhor adaptação e busca de oportunidades nos primeiros meses nos Estados Unidos, por parte significativa das mulheres entrevistadas, que não tinham tido a oportunidade de contato com a língua, antes da vivência do processo migratório. Na pesquisa realizada, oito entrevistadas apontaram situações de dificuldade vivenciadas no aprendizado de inglês, indicando que a falta de domínio da língua prejudicou algumas oportunidades.

Como nove entre as dez entrevistadas era de cor branca (nove mulheres que se reconheceram branca e uma negra) a questão racial não se revelou como algo expressivo na totalidade das entrevistas. Contudo, dada a presença do racismo estrutural em nossas sociedades, a única entrevistada negra relatou atos de discriminação sofridos por conta de raça no Brasil, não entrando em detalhes sobre ter ou não sofrido alguma discriminação neste sentido nos Estados Unidos. Contudo, duas entre as dez mulheres indicaram em suas narrativas que o fator de ser estrangeira (brasileira) ocasionou a perda de oportunidades e dificuldades em aspectos escolares e de trabalho, de forma a indicar questões de subalternização, no que tange a etnicidade. Apesar do estado da Flórida ser o principal destino de imigração de brasileiros existe relato de não aceitação imediata por parte dos americanos, como apresentado por uma das entrevistadas, que pode ser relacionado ao estereótipo da latinidade.

A questão do trabalho foi outro aspecto que difere das pesquisas existentes. O que foi indicado pelas leituras realizadas, é que a maioria das imigrantes brasileiras acabam buscando empregos sem necessidade de qualificação específica no intuito de ter uma renda que grande parte das vezes é maior do que se ganhava no Brasil. Contudo, na pesquisa realizada sete mulheres mantiveram suas profissões originais (variando de administradora, dentista e empresária da construção como vendedora, fotógrafa e manicure) que exerciam no Brasil e adaptando suas novas vidas, em território americano. Isso também significa que sete dessas mulheres, conseguiram se estabelecer de forma documentada, na sociedade estadunidense. Este também é dado que se diferenciam de grande parte das pesquisas consultada na revisão de literatura.

Enquanto o processo de imigração existente, muitas vezes pode ser marcado pela ida para os Estados Unidos voltado para o acúmulo de renda e posterior retorno para o Brasil, nenhuma das entrevistadas mostrou-se interessada em retornar para o país, apesar da saudade de parentes e da

cultura brasileira. Em suas narrativas, essas mulheres já se sentem pertencentes ao ambiente americano, relatam sua adaptação ao longo dos anos e o desejo de permanecer nos Estados Unidos, posto que a maior parte delas entende ter conquistado uma maior segurança econômica.

O fator emocional causado pela distância de familiares e a vida em um novo ambiente trouxe inseguranças iniciais e falta do sentimento de pertencimento ao local. Porém, todas são unânimes em se posicionar que, apesar de todas as dificuldades encontradas no processo de migração e adaptação cultural, as oportunidades de trabalho existentes nos Estados Unidos, o ambiente estável em que vivem e a segurança pessoal e familiar são aspectos que superam a vontade de retornar para o Brasil.

Pode-se perceber que as redes informais criadas por essas mulheres se tornou um grande elo de apoio na Flórida. Essa conclusão já era identificada por autores, porém a posição da mulher no processo migratório sai da condição de coajuvante e a coloca em posição de destaque neste processo.

Outro objetivo foi encontrar as motivações e experiências das mulheres mineiras no processo de deslocamento. As entrevistadas relataram diversos motivos para ir aos Estados Unidos: a expansão de negócios, a busca de segurança de uma vida mais tranquila, atender à obra missionária e cuidar de uma igreja, insatisfação com o governo brasileiro, sonho pessoal e melhores oportunidades para os filhos, questões financeiras e qualidade de vida e incentivo de amigos e familiares.

Cada motivação tinha sua história própria influenciada por suas origens e situação vivenciada, no sul do estado de Minas Gerais. As experiências no processo foram variadas e distintas. Enquanto algumas mulheres apresentaram poucas dificuldades e uma rápida adaptação, outras precisaram de um tempo maior para a superação das dificuldades encontradas.

Com relação ao processo de imigração imposto pelos Estados Unidos todas percebem as dificuldades da burocracia. Contudo, de forma a incorporar discursos presentes na sociedade estadunidense acabam por valorizar e justificar ser necessário para que possam viver na Flórida, frente a critérios estabelecidos pelo governo americano, que é sempre apresentado como “organizado”.

A história oral das mulheres entrevistadas sobre a ótica de raça, gênero, etnicidade e classe social são apresentadas podendo demonstrar que as diferenças existenciais destacadas interferiram no caminho traçado para as imigrantes. Porém, a dedicação em superar as dificuldades iniciais encontradas e a adaptação conquistada ao longo dos anos demonstra a força destas mulheres mineiras para o sucesso longe de sua terra natal.

As entrevistas destacaram as motivações, dificuldades e adaptações das entrevistadas. O presente estudo permitiu compreender, de maneira conjuntural, a valorização da mulher no processo migratório aprofundando as questões relacionadas a gênero. As potentes vozes das entrevistadas desmistificaram, mais uma vez, a figura de dependência da mulher como era entendido em meados do século passado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, G. O; SIQUEIRA, S. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas* [online]., v. 15, n. 3, p.745-772. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300015>.

BLOEM, T. M. (2015). *Impacts of Brazilian Businesses and Brazilian Immigrant Organizations in South Florida*. Tucson: dissertação de mestrado em Artes. Universidade do Arizona.

DE HAAS, H. (2010). *Migration and development: a theoretical perspective*. *International Migration Review*, v. 44, n. 1.

GOZA, F. (1992). A imigração brasileira na América do Norte. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 9 (1), 65-82.

MAGALHÃES, V. B. (2003). Nota de pesquisa: Imigração Brasileira para o Sul da Flórida. *Revista Projeto História*, Sao Paulo, p. 283-294.

MAGALHÃES, V. B. (2011). *O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória*. São Paulo: Letra e Voz.

MASSEY, D. (2008). *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the end of Millenium*. New York: Oxford University Press.

MASSEY, D. et al. (1987). The social organization of migration. *Return to Aztlan*, p. 139-171.

MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L. S. (2011). *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto.

MOROKVASIĆ, M.(1984). *Birds of passage are also women*. *The International Migration Review*, v. 18, n. 4, p. 886–907.

MOROKVASIĆ, M. (2014). *Gendering Migration*. *Migration and Ethnic Themes*,v. 30, n. 3, p.355-378.

ONU. (2022). Agência da ONU para refugiados. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/>>.

PESSAR, P. R. (2084). The linkage between the household and workplace of Dominican women in the U.S. *The International Migration Review*, New York, NY, v. 38, n. 4, p. 1188- 1211.

PORTELLI, A. (2010). *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, A. (2017). *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

RIBEIRO, S. L. S. (2009). *Narrativas cotidianas: tramas que contam experiências de trauma e superação*. *Oralidades (USP)*, n.6-Jun-Dez/2009, p.33 - 48.

RODRIGUES, R. A; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. (2009). Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. Revista Psicologia e sociedade.

SALES, T. (2009). "Brasileiros nos Estados Unidos". In: I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior, Brasileiros no Mundo. Brasília: FUNAG.

SIQUEIRA, S; ASSIS, G. O; CAMPOS, E. C. (2010). As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ABREU, Jean Luiz Neves e ESPINDOLA, Haruf Salmen (orgs.). Território, sociedade e modernidade. Governador Valadares, MG: UNIVALE.

SIQUEIRA, S. (2011). Imigração e retorno na perspectiva de gênero. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU.

SOUZA, L; FAZITO, D. (2017). Cultura migratória no município de Governador Valadares: uma análise da rede de significados e seus impactos nos fluxos migratórios internacionais; Revista Espinhaço, 2017, 6 (2): 47-64. Disponível em < <https://zenodo.org/records/3955127>.